



## Plano de Curso / Disciplina Mestrado – 2023.2

**DISCIPLINA: LITERATURA COMPARADA**

**CURSO: ESSAS MULHERES CHEIAS DE PROSA DO BRASIL, DE CABO VERDE E DE PORTUGAL**

**DOCENTE RESPONSÁVEL: NORMA SUELI ROSA LIMA**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LITERÁRIOS**

**CARGA HORÁRIA: 60H**

**DIA: SEXTA-FEIRA**

**HORÁRIO: 9H00 – 12H20 – SALA: 237**

### EMENTA E OBJETIVO (S)

O Curso tem por finalidade comparar como o conto surgiu e avançou, de formas diferenciadas, nos contextos das literaturas brasileira e cabo-verdiana diante das relações entre oralidade e escrita, na perspectiva da escrita de autoras negras e mestiças. Identificarei em contos de Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães e Eliana Alves Cruz (Brasil), Orlanda Amarílis, Dina Salústio, Fátima Bettencourt e Vera Duarte (Cabo Verde) estratégias que aproximem ou afastem a letra da voz, na busca da representação da memória coletiva. Os mapeamentos dos percursos literários do conto no Brasil, e em Cabo Verde, preveem trilhas críticas com Antonio Candido, Benjamin Abdala Junior, Grada Kilomba, Inocência Mata, Itamar Even-Zahur, Simone Caputo Gomes, Toni Morrison entre outros/outras a fim de perceber de que maneira as autoras supracitadas reinventaram ou romperam com os respectivos cânones ao recompor os fios da oralidade na oratura, na novidade de formas, tratamentos e temas.

Objetivos:

Perceber as relações entre a oralidade e a escrita nas configurações do conto enquanto gênero surgido no século XIX no Brasil e no século XX em Cabo Verde;

Identificar os diferentes contextos dos surgimentos do conto no Brasil e em Cabo Verde, nas perspectivas da literatura produzida por autoras negras e mestiças;

Investigar a conexão com temas fundacionais reatualizados na escrita literária de autoras brasileiras e cabo-verdianas;

Verificar as perspectivas contemporâneas dos desdobramentos do conto no Brasil e em Cabo Verde, como no novíssimo gênero microcontos, em autoras

brasileiras e cabo-verdianas.

#### PROGRAMA

Há que se verificar de que forma Maria Firmina dos Reis, autora do século XIX ignorada pela tradição literária brasileira (que só irá descobri-la nos anos 1960 com o livro *Úrsula*, de 1859), retoma a palavra do contar em “A Escrava” (1887), quando a fuga de escravizados é trazida como história narrada por uma personagem feminina: “Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima” (p. 243). Conforme observação de Cristina Ferreira Pinto-Bailey, “A Escrava” emprega a estratégia de uma estória dentro de outra estória, com a finalidade de, acrescento, dar a voz às personagens escravizadas, pois como Pinto-Bailey observou, a construção e o espaço fornecidos a esses personagens são inusitados na literatura do século XIX por eles apresentarem humanidade e serem, ainda que na condição de escravizados, sujeitos do seu próprio discurso.

Foi, ainda, a palavra oral o cerne dos contos que Ruth Guimarães organizou e comentou em *Contos negros* (2020), série de histórias que ouviu na região vale-paraibana e transcreveu divididos em: mitos iorubanos, cosmogonia afro-brasileira, três contos de exemplo e os animais na mitologia brasileira, com a observação da autora de que “na África, o conto era narrado muitas vezes ritmicamente, ao som de pequenos tambores, percutidos em cadência” (GUIMARÃES, 2020, p.13) . Ruth foi a primeira autora negra a publicar no século XX e conseguir repercussão com o livro *Água funda* (1946), mas ainda carece de estudos e de pesquisas sobre a sua obra. Com *Contos negros*, ela pretendeu resgatar fábulas não somente do imaginário das populações afro-brasileiras, mas sobretudo que direcionavam aquelas narrativas para nichos de resistência e de memória, através de seus mitos, como a própria autora declarou: “Palavra que não é do povo é palavra morta” (BOTELHO; BOTELHO, 2022, p. 335). Trouxe, assim, para o livro, histórias significativas de acontecimentos humanos originais, relatando não apenas o início das coisas, mas os acontecimentos primordiais que determinaram a condição do homem no mundo e o constituíram tal como ele é. Tais narrativas estabelecem relação e fornecem ressignificação aos mitos originários dos povos africanos, muitas vezes rotulados como “folclóricos” na perspectiva exótica da classificação, na pesquisa de Ruth assumem estatuto de narrativa ficcional. Para fechar a análise das obras de autoras brasileiras, selecionei o livro novíssimo e de estreia de contos de Eliana Alves Cruz, (que ganhou o Prêmio Jabuti), quando a memória coletiva

continua a se fazer presente em *A vestida* (2023), por meio de narrativas curtas as quais cobrem dez anos de história do Brasil.

Em Cabo Verde, somente nos anos 1970 houve livros publicados por autoras, feito inaugurado por Orlanda Amarílis com *Cais do Sodre té Salamansa* (1974), o qual tematizou a diáspora no espaço literário repartido entre a ilha de São Vicente e a cidade de Lisboa quando ainda não havia editoras no arquipélago e os livros dos autores/autoras africanos/africanas circulavam publicados em Portugal, mas após o 25 de abril já sem censuras ou perseguições. Segundo Benjamin Abdala Junior (2003), "a língua literária de Orlanda Amarílis [oferece] um português-padrão entrecruzado pela cadência oral do crioulo", quando Andresa, a personagem central do conto, representa o deslocamento entre a estação de Cais do Sodré, em Lisboa e Salamansa, uma praia de Cabo Verde e o "té" do título é a própria expressão da criouldade, existindo, portanto, a mistura entre a língua oficial (o português) e a língua de aquisição (o crioulo).

Depois da iniciativa de Orlanda, só nos anos 1990, com Dina Salústio, tivemos a continuação dos livros e dos contos femininos em Cabo Verde, mas agora em obras já publicadas nas ilhas, com *Mornas eram as noites* (1994), que no entender de Simone Caputo Gomes (2008) "reitera a associação da prosa com o poético ao dar relevo à morna, modalidade musical típica de Cabo Verde, que veicula a poesia oral." (GOMES, 2008, p. 219). No mesmo ano, Fátima Bettencourt lançou *Semear em pó* (1994), fortalecendo o caminho do conto feminino. Recorro novamente a Simone:

O título da obra pode aludir ao trabalho agrícola (a sementeira, trabalho de Sísifo na terra seca, heroísmo de um povo que precisa inventar água todos os dias), às tarefas ligadas à tecelagem, em que as mulheres separam, cardam, fiam a lã confundindo-se com a sua poeira; à tecedura do texto, contado ou escrito, ou à transmissão das estórias de geração a geração.

(GOMES, 2008, p. 281). A autora Vera Duarte publicara o seu primeiro livro, *Amanhã amadrigada*, em 1993, porém a sua estreia em contos ocorreu com *Contos crepusculares: metamorfoses* (2020) e *Desassossegos & Acalantos: microcontos* (2021), o primeiro, como analisei em capítulo de livro ainda inédito, revive, na escrita, fábulas da oralidade e o segundo inaugurou a novíssima arte dos contos muito pequenos. O título já trouxe a referência à composição musical do acalanto, da cantiga de ninar, oralidade presente mesmo nos terríveis tempos da pandemia, como observei em capítulo de livro: "A literatura de Vera Duarte enquanto escrita feminina ocupou o mesmo panteão de outras escritoras as quais, em Cabo Verde, se configuram guardiãs da memória." (LIMA, 2022, p. 136).

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 3ª ed., Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.) *Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. "Literatura, cultura e comunitarismos" In: SECCO, Carmen Lucia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Sílvia Renato (Org.) *Pensando África: Literatura, arte, cultura e ensino*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 144-153.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. "Globalização, cultura e identidade em Orlanda Amarílis" In: *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003, p. 287-302.

BÂ, Amadou Hâmpaté. *Amkoullel, o Menino Fula*. 3ª ed. Tradução: Xina Smith de Vasconcelos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad.: Ana Maria Ioriatti; Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BETTENCOURT, Fátima. *Prosas soltas*. Praia: Acácia Editora, 2016.

BETTENCOURT, Fátima. *Semear em pó*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1994.

BOTELHO, Joaquim Maria; BOTELHO, Júnia. *Histórias da casa velha: biografia e legado de Ruth Guimarães*. São Paulo: Reformatório, 2022.

BRUGIONI, Elena. *Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2019.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. *Sobre o conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Gradus, 1977.

CRUZ, Eliana Alves. *A vestida: contos*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

DUARTE, Vera. *Contos crepusculares: metamorfoses*. Praia: Livraria Pedro Cardoso, 2020.

DUARTE, Vera. *Desassossegos & Acalantos: microcontos*. Salvador: Katuka

Edições, 2021.

EVEN-ZOHAR, Itamar. "Teoria dos polissistemas". Trad.: Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon, Yanna Karlla Cunha. In: *Translatio*, n. 5, p. 01-21, set. 2013.

FERREIRA, Manuel (Org.) *Clareza*: revista de arte e letras. 2ª ed., Linda-a-velha: ALAC, 1986.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: Literatura em Chão de Cultura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

LIMA, Norma Sueli Rosa. "Desassossegos & Acalantos: os microcontos de Vera Duarte". In: LUGARINHO, Mário César; LIMA, Norma Sueli Rosa (Org.). *Rotas das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Curitiba: CRV, 2022, p. 129-139.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Manaus, AM: UEA Edições, 2013.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad.: Sebastião Nascimento. 2ª ed., São Paulo: N-1 edições, 2018.

OBIECHINA, Emmanuel. "Narrative Proverbs in the African Novel" In: *Research in African Literatures*, v. 7, n. 2, p. 197-230, 1993.

PEREIRA, Daniel A. *Das relações históricas Cabo Verde/Brasil*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. "A escrava, de Maria Firmina dos Reis" In: DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro (Org.) *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 103-111.

REIS, Maria Firmina dos. "A escrava". In: *Úrsula*. Florianópolis: Ed Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2009.



ROCCA, Pablo. "O conto em Machado de Assis e Horacio Quiroga: Uma estética material?!" In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.) *Machado de Assis: lido e relido*. São Paulo, SP: Alameda, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016, p. 615-632.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Lisboa: Instituto Camões, 1999.

SILVA, Tomé Varela da. "Tradições orais cabo-verdianas". In: GOMES, Simone Caputo. *Contravento, pedra-a-pedra: conferências do I Seminário Internacional de estudos cabo-verdianos (2008)*. Praia: Biblioteca Nacional, 2015, p. 211-225.

TRIGO, Salvato. *Ensaio de literatura comparada afro-brasileira*. Lisboa: Vega, 1998.

#### **METODOLOGIA E AVALIAÇÃO**

- . Avaliação contínua: leituras prévias, assiduidade, pontualidade e participação nas discussões.
- . Trabalho final escrito, individual.

#### **OUTRAS INFORMAÇÕES**

Aluno(a)s matriculados com crédito avulso deverão cumprir todas as atividades propostas às/aos mestrando(a)s.